

Agentes de IA avançam nas empresas; a governança não

SAP mostra que 55% das empresas brasileiras já testaram agentes de IA

Os agentes de inteligência artificial ganharam espaço nas conversas do SAP NOW na semana que passou, em São Paulo. Se até pouco tempo boa parte das empresas ainda tentava entender como incorporar IA ao dia a dia, a discussão agora chega a um ponto mais sensível: o que acontece quando a tecnologia deixa de apoiar apenas uma tarefa e passa a executar partes de um processo?

Os números ajudam a explicar por que esse assunto ganhou força. Estudo *The Value of AI: Brazil 2026*, realizado pela SAP em parceria com a Oxford Economics, mostra que 55% das empresas brasileiras já testaram casos de uso com agentes de IA. Outros 77% acreditam que a tecnologia tem potencial moderado ou alto para transformar suas organizações.

O investimento também aumentou. A média prevista para inteligência artificial neste ano chegou a US\$ 20,8 milhões, contra US\$ 14,2 milhões no levantamento anterior. Para agentes de IA, a expectativa de retorno nos próximos dois anos é de US\$ 24,8 milhões, mais de quatro vezes o valor apontado na pesquisa de 2025.

O entusiasmo, porém, convive com uma realidade menos madura. Apenas 3% das empresas ouvidas se consideram totalmente preparadas para implementar e escalar agentes. Entre aquelas que já experimentaram a tecnologia, 61% encontraram mais dificuldade de integração do que esperavam, 54% tiveram problemas de confiabilidade ou qualidade à medida que ampliaram o uso e 40% relataram ações incorretas tomadas por agentes.

Esse contraste apareceu também nas conversas ao longo do evento. O interesse pela tecnologia é evidente, mas a pergunta já não se resume simplesmente ao que um agente consegue

Divulgação/SAP



fazer. Controle, responsabilidade e supervisão entraram de vez nessa discussão.

Setor Tributário

No setor tributário, o tema ganha ainda mais peso. Durante sua apresentação no SAP NOW, Roberto De Lazari, Diretor de Vendas e Parcerias Estratégicas da All Tax, chamou atenção para uma diferença importante entre o uso cotidiano da inteligência artificial e sua aplicação em uma operação fiscal.

“Quando usamos uma inteligência artificial, muitas vezes recebemos a melhor resposta que ela encontrou a partir das informações disponíveis. Em uma operação tributária, isso não basta. Existe uma regra, existe uma interpretação tributária da empresa e precisamos ter segurança sobre o que foi feito”, afirmou.

A All Tax levou ao evento o SAFE, tecnologia criada para aplicar agentes de IA à execução fiscal sob supervisão. A proposta é permitir que o agente assuma atividades operacionais, mas respeite as regras estabelecidas para cada processo. Quando há uma exceção ou uma decisão que exige validação, o especialista entra. De Lazari também reforçou que a adoção de agentes não

significa retirar o profissional tributário da operação. “Não queremos substituir o especialista. Existem muitos profissionais qualificados que ainda perdem tempo com carga de dados, integração de informações e atividades operacionais. É esse trabalho que a tecnologia pode assumir. A interpretação e a decisão continuam com as pessoas”, disse.

Permissão e acesso

A preocupação encontra respaldo em outro recorte da pesquisa. Hoje, 35% das empresas brasileiras não possuem processos de *human-in-the-loop* para fluxos com agentes de IA e 29% não contam com controles de permissão e acesso. Além disso, 65% não sabem dizer se adotam agentes em uma velocidade maior do que conseguem padronizar e controlar seu uso.

Com isso, uma nova lista de decisões chega à mesa dos executivos: até onde esses agentes podem ir, quais ações exigem validação humana e quais controles precisam existir antes de ampliar seu uso. Em áreas críticas, como o setor tributário, essas respostas têm impacto direto no negócio. Se por um lado, a capacidade técnica dos agentes avança rápido, de outro governança, processo e responsabilidade precisam acompanhar esse movimento.

A inteligência artificial vai substituir o arquiteto?

Antonio Kanda (*)

Há dez anos, poucos imaginavam que a inteligência artificial estaria tão presente em nosso cotidiano. O que parecia ficção científica hoje responde a perguntas, organiza informações, cria imagens e ajuda a solucionar problemas. Com esse avanço veloz, a inquietação sobre o futuro do trabalho bate à porta de diferentes áreas. Na arquitetura, a dúvida é inevitável: até que ponto a tecnologia pode absorver a essência da profissão?

Não há dúvida de que ela já está transformando o setor. A inteligência artificial auxilia na interpretação de diretrizes urbanísticas, nos estudos de viabilidade, na rápida exploração de alternativas e na produção de renderizações impressionantes.

No escritório, utilizamos a tecnologia como apoio técnico e criativo.

Diante de um terreno, ela ajuda a organizar dados, comparar possibilidades e visualizar ideias. Entretanto, entre gerar uma alternativa e reconhecer qual delas realmente responde ao lugar, ao orçamento e à vida do cliente, há uma diferença fundamental.

A inteligência artificial oferece possibilidades. Ao arquiteto cabe fazer escolhas.

Escolher exige muito mais do que processar dados: exige repertório, experiência, responsabilidade e sensibilidade. A IA processa informações, mas não possui vivência real. O arquiteto sabe formular as perguntas certas e compreender as consequências humanas de cada decisão.

Uma imagem gerada por um algoritmo não é, por si só, sinal de boa arquitetura. Uma proposta pode funcionar perfeitamente no universo digital e, ainda assim, desconsiderar o clima, a orientação solar, a legislação, os recursos disponíveis e as condições reais da obra. A arquitetura não termina na tela. Ela precisa ser construída, funcionar e acolher a vida.

Projetar uma casa vai muito além de distribuir ambientes: significa compreender como uma família vive, o que deseja

preservar e o que espera construir para o futuro. Uma casa é o cenário onde alguém criará os filhos, receberá amigos, enfrentará perdas e celebrará conquistas.

A tecnologia pode simular aspectos do comportamento da luz em um ambiente, mas é o arquiteto que busca compreender como essa luz fará uma pessoa se sentir.

Isso não significa temer ou rejeitar a inteligência artificial. Ela pode reduzir desperdícios, prever o desempenho de soluções, investigar alternativas complexas e revelar caminhos ainda inexplorados, tornando os processos mais rápidos e eficientes.

Porém, automatizar atividades não significa necessariamente substituir uma profissão. O profissional que apenas reproduz soluções padronizadas enfrentará dificuldades. Aquele que interpreta contextos, assume responsabilidades e transforma necessidades humanas em espaços significativos continuará indispensável.

Talvez a pergunta mais importante não seja se a inteligência artificial substituirá o arquiteto, mas que tipo de arquiteto permanecerá relevante diante dela. O futuro pertencerá aos profissionais capazes de unir tecnologia e sensibilidade, precisão e imaginação, dados e experiência. A IA ampliará nossa capacidade de criar, mas jamais poderá definir, sozinha, o sentido daquilo que criamos.

Projetar nunca foi apenas gerar formas. É equilibrar desejo e realidade, beleza e função, liberdade e limite. É imaginar o futuro sem perder de vista a vida concreta das pessoas.

A inteligência artificial será uma parceira poderosa da arquitetura. No entanto, entre produzir um edifício e criar um lugar verdadeiramente humano, há uma distância essencial. É nessa distância, feita de responsabilidade, experiência e sensibilidade, que reside a verdadeira essência do arquiteto.

(*) Antonio Kanda é Formado pela FAU Mackenzie (1996) e tem extensão na Universidade Metropolitana de Tóquio (1997).

Reforma tributária levará a redesenho de plantas e CDs

Durante décadas, benefícios fiscais tiveram peso relevante na decisão de empresas sobre onde instalar fábricas e centros de distribuição no Brasil. Com a transição para o novo sistema tributário, estruturas desenhadas a partir desses incentivos começam a exigir uma nova análise — e decisões tomadas agora podem determinar a configuração das cadeias de abastecimento por muitos anos. O tema foi debatido

no painel “A Reforma Tributária vai redesenhar a logística brasileira?”, durante o Fórum de Logística, realizado pela Live University | INBRASC. A discussão mostrou que os impactos da Reforma Tributária ultrapassam as áreas fiscal e financeira. Localização de fábricas e centros de distribuição, escolha de fornecedores, contratos, formação de estoques, sistemas e investimentos de longo prazo também entram na conta.

Um dos casos apresentados durante o painel envolve uma empresa que mantém fábrica em Recife por causa de benefício fiscal, um centro de distribuição em Extrema, Minas Gerais, e concentra em São Paulo seu maior mercado consumidor. Com a mudança das regras, a companhia já avalia se essa estrutura continuará eficiente nos próximos anos. O desafio é que decisões industriais demandam tempo e capital.



nelson.tucci@netjen.com.br

Animais/Amarelo

Em meio às discussões do Setembro Amarelo, mês dedicado à conscientização sobre saúde mental e prevenção do suicídio, um vínculo que faz parte da rotina de milhões de brasileiros ganha cada vez mais atenção da ciência: a relação entre pessoas e animais de companhia. Cães e gatos podem representar companhia, afeto, presença e conexão em diferentes momentos da vida. Embora um animal não substitua tratamento psicológico ou psiquiátrico, pesquisas científicas vêm investigando de que maneira a interação e o vínculo humano-animal podem estar relacionados a aspectos da saúde mental. Meta-análise publicada no Journal of Global Health reuniu 35 estudos randomizados, envolvendo 2.391 adultos, e encontrou associação entre intervenções assistidas por animais e redução de sintomas de depressão, ansiedade e estresse.

Sem Aposta

Pesquisa realizada pela Cruz Consulting com beneficiários de programas sociais do governo federal nas 39 cidades da Região Metropolitana de São Paulo mostra que 83,47% dos entrevistados nunca utilizaram plataformas de apostas esportivas. O levantamento foi realizado nos dias 3 e 4 de setembro. De acordo com os dados apresentados, 12,63% afirmaram que já apostaram, mas não utilizam atualmente as plataformas, enquanto 3,9% disseram que ainda fazem uso das bets.

Testamentos Crescem

Apesar do número recorde de testamentos registrados no Brasil, o tema ainda é cercado de tabu, silêncio e desconhecimento no dia a dia das famílias. Fala-se pouco sobre planejamento sucessório, e boa parte da população sequer sabe como funciona o processo ou o que, de fato, pode ser tratado em um testamento. Dados do Colégio Notarial do Brasil – Conselho Federal (CNB/CF) mostram que o número de brasileiros que optam por registrar um testamento nunca foi tão alto: o país registrou 38.740 testamentos em 2025, o que contribuiu para um crescimento de aproximadamente 21% em relação aos últimos cinco anos.

Dia do Cerrado

O Dia do Cerrado foi celebrado na última sexta e com uma boa notícia: o Instituto Nacional de Pesquisa Espacial (Inpe) divulgou que este bioma brasileiro registra queda nos desmatamentos. O índice do mês de agosto é de 18,9%, na comparação com o mesmo mês do ano passado. Segundo o Sistema de Detecção de Desmatamentos em Tempo Real (Deter) do Inpe, o Cerrado perdeu 238 quilômetros quadrados (km²) de vegetação nativa, no mês passado, contra 294 km² de igual período do ano de 2025. Este é o segundo melhor resultado para o bioma em um mês de agosto da série histórica, iniciada em 2018 (ABR).



Investimentos/R\$ 9 Tri

O volume de investimentos das pessoas físicas no Brasil atingiu R\$ 9,1 trilhões no primeiro semestre de 2026, com crescimento de 6,4% em relação ao final do ano passado. Os dados são da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima) no início de setembro, mostrando não só um aumento do patrimônio financeiro dos brasileiros, mas também um movimento de diversificação das carteiras. Para José Roberto Salazar, sócio da PR Private Partners, os números ajudam a revelar uma mudança no comportamento de quem já acumulou patrimônio e agora busca formas diferentes de protegê-lo e fazê-lo crescer.

Cadeias Produtivas

O programa SP Produz, do governo paulista, está com edital de reconhecimento de Cadeias Produtivas Locais (CPLs) aberto. As CPLs reconhecidas em 2024 devem se recadastrar obrigatoriamente. As inscrições vão até o dia 28 de setembro. As cadeias produtivas são classificadas em quatro níveis de maturidade: Aglomerado Produtivo, CPL em Desenvolvimento, CPL Consolidada e CPL Madura. A classificação utiliza critérios como governança, diversidade de atores envolvidos e impacto econômico no território. Ao todo, o SP Produz já reconheceu 194 cadeias produtivas em diferentes segmentos.

Inscrições pelo link www.spproduz.sp.gov.br até 28 de setembro.

Ativos Virtuais

Empresas que atuam no mercado de ativos virtuais têm até 30 de outubro próximo para solicitar ao Banco Central autorização para funcionar como Prestadores de Serviços de Ativos Virtuais (PSAVs), conforme as regras estabelecidas para o novo ambiente regulatório do setor. Para discutir o tema, a CorpServices realizará, com participação de Cepeda Advogados, no próximo dia 17, o webinar gratuito “PSAV e o novo ambiente regulatório dos ativos virtuais”, com transmissão online. Inscrições: https://group.corpservices.com.br/webinar-psav-ativos-virtuais?utm_source=imprensa&utm_medium=press_release&utm_campaign=webinar_psav&utm_content=release

Bateria 12 hs

Polyvox lança a evolução da caixa XC-715T com painel traseiro mais completo e bateria com duração de até 12 horas. O novo modelo amplia os recursos da linha ao reunir todos os controles em um único painel, além de Bluetooth 5.3, efeito de luzes e aplicativo próprio. A mudança atende aos relatos de consumidores que buscavam mais opções de ajuste e maior praticidade.